

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

Militares, sentido!

As vítimas do 9 de abril — Uma grande figura militar — Como acabam os bravos — Corrupção ou abandono — A matéria de Waterloo

Dentro em dois dias celebra-se em Lisboa o 9 de abril: episódio sangrento que ajudou a gerar feses: os novos ricos! Ha uma semana morreu abandonado, numa casinha de Campolide, o alferes Barnabé que fôra promovido de cabo à sua actual patente e ganhara as condecorações, batendo-se. Teem-se edificado muitas fortunas de maus principios; e os sugadores do sangue das vítimas do crime demagogico que enriqueceu políticos, barrigas de trafico, ventres de oiro, nutrem grandes esperanças noutra guerra. Já aguçam os dentes para a nova carnagem. Para êles seria uma obra patriótica enviar uns milhares de homens para o Ruhr, com a condição de se fazer um bom emprestimo externo por parte dos financeiros franceses muito interessados nas minas alemãs, guardadas hoje por soldados cheios de fé na sua terra, mal sabendo que servem a plutocracia, os da alta banca de todos os matizes alimentados a carne de canhão.

Vai comemorar-se, pois, o 9 de abril. Devia, nessa hora, o governo oferecer o maior premio aos que sobreviveram: decretar, de uma maneira decisiva, o imposto sobre os lucros da guerra e com êle favorecer os miseros, para que não morram de fome como aquêle alferes Barnabé, paga pelo tesouro, a sua bravura, a cem mil réis por mês: menos do que um varredor, de que um limpa cloacas!

Os do ministerio, porém, carecem de bem viver com os da explora-

ção; não de ser os ganhões da guerra os propulsores desse empréstimo destinado aos lucros dos moageiros, ás pandegas dos apaniguados, aos rëgabofes dos empresarios do maior desastre nacional.

E enquanto os miseraveis espoliadores, os que dos campos das ruínas tiraram a sua colheita de oiro, alegremente tratam de outros negocios infectos, um dos grandes soldados da Flandres, cujo peito está coalhado de medalhas, o major Ferreira do Amaral — que cousa alguma tem de comum com certo almirante enxovalhado do mesmo apelido — nem sequer pôde servir no efectivo do exercito. Tendo pedido uma licença aguarda a sua vez de ter vaga enquanto qualquer miliciano entra e sai, quando quer, da fileira tornada elastica para os protegidos do nefasto partido democratico.

Ferreira do Amaral é a revivescencia de um soldado do seculo passado. Parece guardar a alma de um granadeiro do grande exercito.

Bravo, de uma coragem fria, altivo, disciplinador antes, durante e depois da lucta, amigo dos seus homens sem lhes sorrir, alma franca barrada de severidade — como um paiol de polvora negro, exgotado, mas aterrante apesar de cheio de rosas — êle, ainda assemelhando-se aos companheiros de Bonaparte, depois do heroismo, é *grognard*, crítico, mordaz. Oh! o belo repontão de coração bom que é capaz de dar a vida clamando!

Oferece a sua existencia à patria carantonhando, mas no fundo deliciado. Tal é o homem que tendo partido expontaneamente, como capitão, para França, a organizar o 15 de infantaria, revoltado por nós outros, cúmplices do 13 de dezembro, ali foi graduado em major e recebeu as suas cruces de guerra, louvores e julgo que tambem castigos, porque — como já disse — Ferreira do Amaral é justo, é digno, sonha uma Sociedadada decente e um exercito como aqueles que outrora existiram e fizeram a conquista da Europa, e di-lo em berros.

O heroi imagina os chefes à imagem dos da sua nobre visão de soldado e não officiais do estado-maior — como o actual ministro da guerra — trazendo para Paris os papeis necessarios à salvação das divisões por êle abandonadas; o brioso major não concebe que se minta ao soldadinho e não tem amigos, mesmo sendo seus irmãos, entre os seus subalternos quando os comanda. Incarna a materia prima de um grande homem de guerra; é da raça dos que Napoleão dizia trazerem nas patronas os bastões de marechal.

Pois esse magnifico militar republicano está fóra do serviço do exercito nacional!

Mas porquê, se os muitos que não valem a sombra da sua espada comandam e um dêles até chefia o exercito? Acaso os seus trabalhos sob a metralhada germanica já esqueceram; a disciplina ministrada ao 15 em Blessy e em Rinq, as acção de Richebourg, de S. Vaast, de Lacouture, no *front* — no verdadeiro *front* — já se olvidaram; a batalha do

Lys já passou a ser um facto tão remoto para os gosadores desse sangue derramado que não merece ao menos a atenção para um dos seus mais bravos agentes?!

Parece que um grande veu negro — o da ingratidão colectiva — devia arvorar-se sobre a bandeira que tremulou na Flandres nesse próximo dia 9 de abril — dia de luto — celebrado com musicas depois de amanhã.

Uma grande pompa official desfilará nas ruas, fardas esmaltadas de condecorações, de agulhetas, dragonadas, agaloadas, scintilarão; o senhor presidente da república, no seu carro de gala, passará a revista e o ministro da guerra — o da retirada para Paris — ostentará a sua prosapia paga da ineptia daquela hora, agora consagrada, e um official, de barbas compridas, o rosto amarelecido, as medalhas enchendo-lhe o peito olhará tudo aquilo, de fóra da fileira, como um pária do exercito, êle, seu legitimo orgulho!

— Militares! Sentido! Esse homem é uma gloria da tropa; foi êle que conduziu ao fogo, em nome da patria, por uma forte razão de brio e dignidade nacional, muitos dos que receberam a morte ou a Cruz de Guerra; foi êle quem combateu ao lado desses herois que a Batalha guarda sob as suas arcarias, em tão despresados caixões como abandonados são os mutilados, companheiros da sua aventura e como o proprio major que só tem, no seu grande orgulho, olhos para chorar as desgraças dos seus soldados. Não vê mais nada além do mal que lhes fizeram e das suas desditas. Viu-as e contou-as.

Ferreira do Amaral perdeu a sua carreira ao decidir-se a publicar essa narrativa sincera, ardente por vezes, outras desalinhavada, quando descreveu *A Mentira da Flandres e . . . o medo*, depois de, pelos seus actos de bravura, ter provado que o não sentira ou, que, pelo menos, em nome do dever, o ocultara para conduzir nobremente os seus soldadinhos ingenuos, valorosos, apaixonados, mesmo quando os punia, por esse belo *grogna*, pelo repontão sincero que não hesita diante das balas nem diante dos politicos.

Tendo ido para a guerra por pundonor, jámais deixou de mostrar o seu desacordo ante os verdadeiros crimes que viu praticar; nunca poupou os empresarios da tragedia e conta-se que num poste da sua barraca de campanha sempre esteve pregado um retrato do doutor Afonso Costa, como o do chefe natural, o mais interessado, embora a distancia, em toda aquela expedição, nesse batalhar onde a coragem brilhou e as finanças de um país pobre tiveram o seu Alcacer-Kibir.

Já se vê que Ferreira do Amaral sabe como o seu livro se tornou no cutelo que o separa das fileiras. Não existe, decerto, na sua consciencia de soldado tanta puerilidade que o leve a imaginar-se apenas incluso numa disposição regulamentar.

Não. O seu lugar no exercito está-lhe deleso porque se atreveu a de-

senhar a cobardia de Afonso Costa, o qual tem ali, no Terreiro do Paço, os seus servos que quando não podem corromper, deliberam matar à minhua os homens que falam alto no meio deste litaniar por alma de Portugal.

Quando aparece um militar que se move em demasia, dá que falar de si, tem nome, audacia, personalidade, esse bando, falho de dignidade, ministros corruptos ás ordens dos sindicatos financeiros ou seus marchanos — como o da agricultura é o servo da casa Burnay — deslumbram a mediocridade da existencia desses officiaes, oferecendo-lhes situações singulares: as de adidos militares na Patagonia, inspectores de colonias na Conchinchina, embaixadores no Inferno, com a condição de se afastarem e não andarem todos os dias a fazer tremer de medo os senhores que mandam nesta terra. É a compra; e só quem tem mais amor ao bem estar do que à rebeldia justa não lhes esgarra na cara quando o oferecimento chega tentador e pulha!

Já uma vez Teófilo Duarte arremessou a porta da sala do conselho de ministros ao rosto deslavado e deshonesto de um ministro, Couceiro da Costa — protector de perdidias — e actualmente representante da república em Viena. Queria, o deshonesto jacobinote, comprar a honra de um soldado com o governo de Cabo Verde. Eu teria ido mais alem na resposta, levado pelo nojo que essas propostas inspiram. Ferreira do Amaral — sinto-o na sua impulsividade e no seu *panache* — tambem não se teria limitado a duas frases.

O governo, receioso do castigo, ainda não se atreveu a propor-lhe uma dessas infamias bem remuneradas. Ali nas repartições, temendo-se o soldado, prefere-se não se rubricar as folhas dos seus soldos, conservá-lo afastado do exercito que, todavia, o vê, embora das fileiras tenham saído para as valas: como esse alferes Barnabé — ou para a desgraça da semi-mendicidade, como a maioria dos mutilados — os que puderam vêr de perto os seus feitos.

Por isso, quando êle passar, nesse dia 9 de abril, diante dos regimentos ter-se-ha visto alguém

Militares! Sentido!

Esta frase, porém, não é uma voz de comando, intercalada num artigo de paisano, é antes um aviso mais dirigido aos officiaes do que ás praças de mangas razas. Este «Sentido!» quer dizer: reparem na sorte de um dos melhores da sua profissão, num dos que sabe disciplinar e bater-se, de dosum que não faz dos seus galões um modo de vida, mas possivelmente um modo de morte. Reparem, e vendo-o afastado das fileiras, pensem que, acima do exercito, da honra nacional, da bandeira, das recompensas aos bravos que não se curvam na poeira dos caminhos trilhados pelos super-mandões desta terra, existe alguma cousa de domina-

dor, de forte, de soberano, que castiga, pune, mata de fome quando não assassinam por outro processo, usado pelos seus sequazes, os que lhe tocaram.

Militares! Sentido!

Todas essas casernas cheias de mocidade, vibrantes de toques de clarins, chefiadas por excelentes oficiais não pertencem à patria, porque ela não lhes paga em honras os feitos bravos a não ser com a condição da mais vil e submissa lisonja a essa Cousa que a suga, a rouba, a defrauda e ainda por cima a quer prosternada a seus pés!

Militares! Sentido!

O major Ferreira do Amaral, Cruz de Guerra e da Torre e Espada, o heroico comandante do 15 de infantaria na batalha do Lys, homem de guerra que incarna em si todo o brio e todo o sentimento tradicional do exercito português não tem um batalhão para comandar, uma simples secretaria de reserva para chefiar, nem usufrue sequer uma vaga comissão de serviço. Nem sei como ainda lhe consentem que use a larda, os galões, as medalhas desde que praticou um grande delicto e não é corpo de venda nem consciencia de trafico.

Militares! Sentido!

Esse vosso superior está longe de vós, porque, desassombradamente, pintou os empresarios da guerra, tocou na Cousa que nos arruinou e nos manda ainda, sem ser para a enaltecer: borrou Alfonso Costa na materia que outro grande soldado atirou à cara dos ingleses nos quadrados do plaino heroico de Waterloo, no instante em que Napoleão baqueou e os *grogards* choraram como Ferreira do Amaral ás vezes deve derramar lagrimas por esse exercito português destroçado!

O Eden dos lucros ilicitos

A verdade sobre alguns mobillarios — A mulher que via atravez da terra — A materia prima de varios luxos — Peles de "maples," e de sacrificados — A sociedade onde a gente é de "chagrin,"

Aquele palacio de cupula alta e miranetes claros, com suas janelas abatcoadas, seus portões escudadas de rosas em cestos e de escadarias lançadas para o vasto jardim inglês, pertencente a um mercador feliz que começou por alugar barraquitas a prostitutas baratas, num bairro de quarteis, e hoje tem logar nas poltronas dos conselhos de administração das mais cotadas companhias.

É um vencedor, não haja duvida e só uma cousa não se perdôa no mundo: a derrota.

Amanhã, quando aquele palacio mais que do luxo ilcito — o do luxo infame — estiver de portas abertas ninguem hesitará em lá entrar e nas festas do nababo, as virgens dançando, mal saberão à custa de quantos impudores se compraram as taboas que os seus lindos pésinhos, calçados de setim, pisam no voltear do bailado.

Eu então — pertencente à camada dos que nem por fóra gostam de contemplar estes Edens de novos ricos, estes palacios do lucro ilcito — jámais lá entrarei porque sou muito sincero e digo logo o que se me depara, talvez por não desejar agradar senão a quem respeito, ou então, por ancestral tara — pois é defeito maximo — não ocultar o pensamento.

No tempo em que veio a Lisboa o conde Joaquim Pecci — seria aí por 1780 — existia na cidade certa mulher que não podia atravessar os carneiros das egrejas — onde então se enterravam os mortos — sem vêr todas as podridões. Os seus olhos perfuravam as lages mortuarias, e todos os guzanos dos corpos decompostos, os rasgões dos vermes nas peles apergaminhadas, os pulmões desfeitos, o carcomido da cal nas visceras, os olhos a descarnarem-se, a caveira a formar-se, os esqueletos ainda meio tocados de podridão, tudo ela, aterradamente via, e descrevia, sem poder calar o pavor que a assustava.

Eu, em casa de tal novo rico, seria como essa humana percursora do raio X que, atravez das lages e dos montões de rosas dos campos, nos cemiterios ingleses, entrevia a materia a decompôr-se, lindas mulheres tornadas asquerosas na jazida, rostos veneraveis de reis desrespeitados

pelos bichos vorazes, tudo quanto se julgara grande a mostrar-se na sua insignificancia, no seu bastidor de materia pôdre.

É formoso o atrio da casa opulenta, com seus quadros de mestre e seus azulejos arrancados a um palacio vetusto de fidalgos para regalo do burguez republicano, insolente na sua subida rapida para a fortuna. Um porteiro fardado inclina-se e pela escadaria vasta, em pedra clara, atapetada até à entrada da sala onde os Hubusson abafam os passos, eu subiria vendo, exactamente o que por baixo estava, numa certeza egual à da mulher quando atravessava os campos da morte.

Que me pareciam os quadros, os azulejos, os tapetes, os Luís XV, os vidros, os *bibelots*, os reflexos da luz do sol, o perfume das rosas claras, loiras e vermelhas, do jardim que subia até ao janelão encarrancado por sôbre o qual pairava, estatual e ciclopico, um Mercurio de braço alto para os ceus azuis?! Sim?! Que me pareciam?

E eu logo diria o meu parecer. Que via? Mulheres chorando, à beira de catres humildes pagando a renda das baiucas com o suor vendido dos seus corpos corruptos; crianças trabalhando numa fabrica de cortumes, finasdas, cheirando à surragem, bocados de pele humana deixados nas derrocadas das pedreiras e lagos de sangue estendendo-se a formar aqueles atapetados, a ser a razão primacial daquele luxo! Pois eu não via sangue no veludo vermelho? Pois eu não via bocados de pele estofando os *maples* no salão? O que? de bufalo? De gente! De gente! Concorde que pintados de negro... Sim senhor... Se não fôr natural... Natural é que é. Pele autentica de negro... Agora ali não... Aquele ali ao canto é que é de branco... As rosas?! Ah! Sim, as rosas!... Vejo tambem por baixo dos seus ramos! São as flôres dos sacrificios de todos os explorados fizeram. Estavam ali perfumando o ambiente!

As cousas, para quem não indaga, não perscruta não tem olhos de vêr, apresentam apenas a sua fórmula de arte, de beleza, de magnificencia porêm, analisada a materia de que são compostas sente-se serem, na realidade, fabricadas, a dôr, do desespero, do trabalho, dos outros que formam essas maravilhas.

Que diferença, porêm, entre um velho solar, por fidalgos habitado desde longos seculos, e estes palacios do luxo ilícito? Onde naqueles, visiono batalhas, epopéas. plumas, deveres, sóis de gloria—que formaram a velha história romântica desse romântico mundo—nestes só vejo a materialidade obtida sem se correr perigo, só descubro os horrores que formam as credencias, os sofás, os lustres, os cortinados, todos os males de onde se tiraram esses objetos de gaudio e de opulencia.

Depois, os donos dessas cousas não as merecem; não as sabem gosar sequer. Para esses só ha o negocio materialão do seu sentir, jamais as empresas de artes, os grandes sonhos da beleza. Se negociam num quadro é para o venderem mais caro e se é de tipografia que tratam, apenas desejam jornais para os seus negocios infames.

—Mas suba... Venha vêr a minha sala de baile... Tenho um lustre raro...

Com efeito, soberbo, pingentado, magnifico com os seus vidrinhos iriados, os braços lindamente contorcidos, as lampadas vermelhas, abájuradas nuns globos fôscos, tudo entrelaçado de prata e com grinaldas de camélias de porcelana em volta, êle lá está para iluminar o salão que se vai inaugurar quando aquele palacio se abrir aos senhores da finança, da politica, do mercantilismo: à Alta Banca, à Arcada!

Que lhe parece? Muito triste... Lembra-me lagrimas de milhares de infelizes cristalizadas, choros sangrentos, virtudes desfolhadas, tudo iluminado para seu regalo....

É essa a visão que me chega como á mulher atravessando as necrópoles onde as flôres encobriam as putrefacções. Seria assim que eu falaria, se o acaso duma reportagem elegante me levasse a esse palacio do lucro ilícito.

E no fim, o Senhor da casa, de dentro dos colarinhos que o magoam, apertado nas botas, fulo com a casaca, ouvir-me-ia ainda dizer num ar sincero, bem meu, duramente, de olhos mansos fixos nos seus olhos vorazes:

—Ah! Sentar-me, não... Tenho medo de romper algum bocado da minha propria pele que me tivesse sido arrancada numa das suas numerosas razias pelo campo do trabalho....

Mas quando o palacio se escancarar não será deste modo que os *reporters dos carnets mondains* escreverão. A noticia aparecerá assim: No seu magnifico palacio da....

Mas que vou eu fazer? Nada de indicações concretas para não dizerem que entrego este grande da terra aos humildes que êle explorou. Façam a noticia como quizerem que eu a lerei calado sem o perigo de me acusarem dalgum gesto de desespero, mas que o mundo dos felizes costuma chamar contra a Sociedade. É é verdade. É contra a sociedade onde muita gente deixa a pele para forrar cadeiras que parecem de bom *chagrin*.

O ultimo incarnamento do Mau Ladrão

Do Calvario a Roma — Viagens na Persia e no Japão — O tempo da revolução francesa — Outros tombos na vida — Uma tarde na rua do Ouro

Chamo-me Zabdi, fui crucificado no ano de 754 da fundação de Roma; alcunharam-me de mau ladrão não porque tivesse roubado mais do que qualquer dos cambistas do Templo, mas simplesmente por não me arrepender do meu acto na hora do passamento ou, pelo menos, do que se convencionara assim chamar.

Finalmente, eu não tirei da bolsa cava dum mercador de anhos, por esse mês de Nisam, do setimo ano do Governo de Poncio Pilatos, na Judea, mais do que três dinheiros. Nem sequer uns kekels; sómente uns pobres cinco tostões ratinhados. É tão certo isto ter-se passado assim, quando é verdade ter andado desde esse tempo até hoje rolando pelo mundo, tendo só agora conseguido fixar-me.

Não sei porque misterio do destino tal aconteceu, mas é certo lembrar-me absolutamente de, ha vinte e tres seculos, ser lançado numa vala, na base do Calvario, de receber sôbre a minha carcassa, cravejada de dôres, o corpo de quem chamaram o bom ladrão que não era da minha classe, mas sim um essenio chamado Moab que andava metido em politica contra o procurador romano. Lembro-me claramente, tambem, de ser soldado razo nas legiões de Tiberio. Fiz varias campanhas; conheci Caligula e segurava a rédea do seu cavallo quando o elevou à categoria de consul. Titulavam-no de *Incitatus* e era uma admiravel estampa; talvez um pouco fraco das dianteiras mas bonito bicho. Nunca ganhei cousa que se visse e fartei-me de trabalhar; de quando em quando, acudia-me à ideia dos dinheiros do carnicheiro de Jerusalem e não sentia remorsos. Chamaram-me o *Mau Ladrão*, porquê? Porque em cima dum penhãsc, numa tarde triste em que esvoaçavam corvos, não soltei palavras de desculpa, mas gestos atroadores. É que os cravos das minhas canelas doíam-me mais do que a consciencia.

Vira, já nesse tempo, roubar muito mais; nas guerras, então, nem se fala e tomava-se o despojo pingue à conta de facto histórico.

É certo, porém, que servindo nas estrebarias imperiais o mais que apanhava era algum coice. Jámais coalhei um sestercio e então, quando surgi, no seculo seguinte, no Egipto, quiz fazer alguma cousa proveitosa.

Era no periodo da dominação mussulmana e eu estava na Alexandria vendendo tamaras loiras, perfumadas e dulcissimas, quando os fatimistas africanos tomaram a cidade, as minhas tamaras e o meu corpo. Servi num serralho; fui eunuco e jamais um califa me olhou de boa sombra ou me deu uma gorjeta.

Mal sabia para que estava ainda no orbe, umas vezes num ponto outras noutra, travestido de alma e figura, levando assim uma caminhada sem fim, menos feliz que o Judeu Errante, porque esse, ao menos, sempre encontrava familia. Como se sabe, a sua gente triunfou e êle hoje está bem. Nanja que eu o visse mas conheço-lhe a fama e a firma universal. Agora, anda êle errando num magnifico *yacht* de recreio. Mas adiante, avancemos, quando não, jámais terei tempo de lhe contar as minhas vinte e três encarnações de seculo a seculo.

Quando renasci na Persia, acabava de ser conquistada Ghasni; e o meu viver foi simples como lucros e duro como tarefa. Era encarregado de limpar as fossas onde se lançavam os dejectos de toda uma cidade alimentada a doçarias. Meu amigo! Em tal mister o mais que podia amearhar seria alguma febre. Não sei já do que morri, ha, exactamente, vinte seculos!

Na Grecia, vivi no tempo do *ducas*, lembra-se de Constatino? Andava passeando com umas lindas mulheres que sôbre o meu ombro e de mais três companheiros repousavam, deitadas nas suas liteiras fôfas. Davamos caminhadas enormes. Ouvi-as falar do oraculo de Delfos e quando o quiz consultar, constatei ser exactamente como as nigromantês de agora: só escutava quem pagava: gente rica. E eu nessa época, estava, apenas pela comida, num formoso palacio de marmore côr de rosa.

Voltei à Syria, no tempo de Frederico Barbarroxa, e vi o cêrco de S. João de Acre, por Guy de Lusignan. Claro que não passava dum pobre tangedor de pandeiro e divertia os senhores; puz então algum dinheirito de lado. Os guerreiros eram generosos; bebiam, mandavam-me arranjar canções que se enternecessem as carnes perfumadas de mulherinhas. Ninguém reparava em tal mister e o nobre senhor Guy bati-me palmadas nos ombros com o seu guante de ferro. Julgo que foi isso que me secou e me finou no periodo romantico dos cruzados.

Comecei, então, a ter uma grande tendencia para mercador e viajei. Na India, em 1200, vi assassinar Ghorî e vendi a minha primeira leva de escravos.

Não deixou muito. Ah! que se eu soubesse o que sei hoje! . . . Negocios antigos fiz alguns . . . Oh! . . . Mas não ha comparação . . .

Aquele homem continuava, do mesmo modo, a narrar as aventuras da sua ida numa das galeras de Colombo á descoberta da America, como moço de bordo; uma marcha nas pégadas de S. Francisco Xavier, no periodo do dualismo militar em Kamakura, reinando Yoshiaki da dinastia Ashiaga. Negociava em cães, mas o santo interditiou-lhe os lucros em nome do humanitarismo. Como se fôsse necessario defender os perros aos quais pelava com o louvavel fim de fazer excelentes cintos do seu couro e magnificos guisados do seu conteúdo!

Depois fôra a Europa o seu vasto campo de operações, muito de mal com os jesuitas por causa dos cachorros niponicos e tentado a experimentar as bolsas dos civilisados. Teve questões com os prebostes, parece que arrebanhou algum dinheiro na Russia quando Miguel Romanow

subiu ao trono. Ha justamente três seculos! Então passava à Venesa e fôra dono dum belo barco de carga. Trabalhara dia e noite, piratiava, conhe- cera, numa hospedaria, comendo longos fios de macarroni, um homem de olhos de brasa que parecia profundar as almas. Dele recebera o conhe- cimento de tudo quanto lhe sucedera desde o fundo dos seculos, após aquela queda do Gólgota a trambulhar, entre urzes e cardos, para a vala dos mortos. Recordara-lhe tudo, as outras curvaturas da sua vida em Roma, na Persia, no Egipto, na America, no imperio do Sol Nascente, e, assentando-lhe no ombro a sua mão poderosa, curava-lhe o mal feito pelo guante do grande cavalleiro Guy de Lusignan, na Terra Santa. Cha- mava-se Cagliostro o seu novo amigo; detestava, como êle, a Compa- nhia de Jesus e metera-o na Maçonaria. Deste modo assistiu à revolução francêsa e lembrava-se muito bem do que berrara nas galerias. Era um dos encarregados do açulamento, um dos comparsas das condenações. Possuia uma senha do seu club onde prepassava, nas noites, a sombra de Robespierre e nunca lhe faltara pão porque clamava nas bichas e recebia assinados das mãos de Herbert para o applaudir.

Deste modo deixara o negocio pela politica e não hesitava em pro- clamar aqueles centros jacobinos muito superiores aos que conheceria depois.

Mal a revolução baqueou foi para Inglaterra. Tremeu de medo do primeiro consul e tornou-se espião de Pitt. Nas suas mãos passou o oiro britanico, guardou muito dele, denunciou gente para ter mais di- nheiro e ao cair o imperio estava ele em Hespanha fazendo o contra- bando do tabaco.

Magnificamente decorreram os anos da sua existencia; esplendidos fôram os seus gosos. Tivera por amante uma cigana e jámais lhe sou- bera tão bem o grande arrepio da vida. Ela era bronzeada e de olhos sin- tilantes como sóis, tivera tambem uma — ao que dizia — existencia inte- rior, rolara da India diante das hostes de Tamerlão, passara no Egipto enfeitando, deitava cartas e fazia sortilegios, encantava-o, sobretudo a êle, que retomara o seu nome de Zabdi, já muito esquecido dos ho- mens, mesmo dos ledores das historias sagradas. A mulher narra- ra-lhe tudo aquilo após a sua confissão do passado, como se quizesse egualar-se a êle que só de rastros lhe pagaria um dos seus mais leves beijos. Ah! a amante nunca soubera quanto lhe queria, tanto, tanto, que se fizera sacristão no dia em que lhe fugira levando-lhe a fortuna, a bolsa atulhada e um mocito de carregó, um galeguito finorio, de grande cabeleira loira e que se chamava Ramon.

Sacristão, ele? Era na cathedral de Toledo e recebia para Cristo lar- tas esmolos. A sua ignorancia não lhe permitia ser frade, mas o seu co- nhecimento do antigo companheiro do Calvario, levava-o a ficar com os obulos, na certeza de ser perdoado.

Reconhecerá-lhe logo a figura, a imagem, quando vira toda a gente prostrada e, ele, que nunca tivera tempo de entrar numa igreja, sobre- tudo após a sua querela com o jesuita santificado, deixara-se de acanha- mentos e julgava vêr Cristo sorrir, quando lhe recordava as scenas do Calvario naquela tarde parda do mez de Nisam. Havia já vinte e dois seculos quando ele impalmava as caixas das esmolos.

Como o tempo passara e o que ele fôra?! Quantos officios, misteres e profissões exercera! Para quê? Estava tão pobre, tão pouco instalado na vida como na época em que roubara os três dinheiros ao mercador

de perolas, em Jerusalem, a determinante da sua subida á cruz e do inicio do seu alcunha de Mau Ladrão!

Mau Ladrão, mas porquê?! Porquê?!... Se ele vira outros roubar muito mais, e a esses, nem de simples gatunos tratavam!...

Ao cabo de tantas travessias segurara-se, ancorara, e sem aventuras, sem correr perigos, espanejando-se ao bom sol de Portugal — a terra mais adoravel que conhecera na sua tão longa vida — ele, agora, rubicundo, de barba rapada, gordo, anafado, feliz, sem mêdo da policia, estava ali, naquela esquina da rua do Ouro, fumando o seu charuto e não querendo ouvir falar em diferente modo de ganhar a vida.

Passou o senhor Fontoura da Costa, e ele falou-lhe amigavelmente: — Adeus, meu velho, adeus!... Donde o conheço?! Da casa Burnay, é lá empregado, o ministro...

Sorria, satisfeito, a vinte e três seculos de distancia da sua tarde de suplicio, palitando um dente, gabando a comida do *Leão d'Ouro*, e aceitando ao senhor Correia Barreto que ia num automovel muito alto, com as iniciais a branco do Arsenal do Exercito.

— Ah! conheço-o de casa do Castanheira de Moura... São muito um do outro... Pois é verdade... Eu só agora fundiei...

— Mas que vida é então a sua? interrogou o Roberto a quem ele fizera a confidencia por ter conhecido seus avós pelas feiras de todo o mundo e em todos os seculos.

— O que quer você que eu seja neste tempo, nesta terra, com esta experiencia, com tanta tranquillidade que até dá orgulho... Sou o Comandita... O meu velho nome não figura... Tenho aí interesses em três armazens de mercearia, em dois de carvoaria, possuo umas acçõesitas da Moagem, empresto a juros... Eu não tiro, quero dizer, nós não tiramos menos de 50 % de lucros em cada negocio... E alguem atreve-se a chamar-me como antigamente!! Não... Figuro aí na praça com a fama de honrado..... E' que 50 % não é nada...

Pois agora só peço a todos os deuses que não mudem mais a minha incarnação... Ah!... A vida de Lisboa é um regalo... Que lindo sol, que magnifica luz, que bom é viver!... Queres um charuto?... Olha que é havano... Vá lá, sempre... Ofereceu, mas não o esportulou; lançou-se de corrida a chamar — Pst... Pst... O'... Pst...

E perdeu-se na esquina da rua dos Capelistas, aquele homem rubicundo, córado, que ha vinte e tres seculos, procurava a felicidade. Roberto ainda o viu sumir-se; chamando sempre Pst... Pst... Adeante caminhava lestantemente um dos nossos mais felises argentarios. Era na subida loira do sol, na hora triumphal da Bolsa.

Rodavam automoveis, passavam em pressas os zangões, mulheres de grandes chapeus sorriam, creanças mendigavam e Lisboa, pujante, sob o seu ceu azul, tinha um ar feliz na sua tarde doirada.

Delagoa-bay ou Delagoa vai-se?

A verdadeira historia de uma colonia —
 A madrinha de Lourenço Marques — O se-
 nhor Camacho e Moçambique — O saber
 de "blagues," felto — Os bifos e a Portu-
 guesa

Longe da vista, longe do coração

Saudades só podemos senti-las do que se conhece; a distancia exacerba-as até que as apaga, pois nada é eterno e

Longe da vista, longe do coração.

Quando este rião se applica ás pessoas amadas que fará a uma casa, a um jardim, a uma colonia, mesmo quando ela mede—como a de Moçambique—760000 kilometros quadrados nos quais se conteem uns quatro milhões de seres ainda à sombra da bandeira portuguesa.

Tem dado que falar de ha muito a provincia, aquela extensão a que os jornais, empoladamente, costumam chamar «um dos mais ricos talhões do nosso patrimonio colonial» ou então «um dos grandes florões da corôa da epopeia nacional». Estamos em presença de dois males, portugueses a valer: a rétorica e o abandono das riquezas ultramarinas.

No tempo do senhor D. Luiz, o partido republicano fez de Lourenço Marques, a sua clava de Hercules com um poeta romantico—Gomes Leal—recitando a *Traição* e a *Folha do Povo* a insultar o rei por causa de uma delimitação de fronteiras. Os anos passaram e a epopeia, desta vez a verdadeira epopeia, fez-se com Antonio Enes, Mousinho e uma pleiade de officiais a valer—Ornelas, Couceiro, Eduardo Costa, Azevedo Coutinho, Velez, etc.—; de seguida iniciou-se a administração e, quando a republica chegou, mercê da ida a Londres, mais que dos tiros da Rotunda, começou-se a improvisar colonias, a encontrar-se genios de colonisadores naquelles que num jornal ou na Sociedade de Geografia, á beira dum

mapa e com um copo d'agua na frente, recitavam trechos da Coorografia de Raposo Botelho, segundo a qual todos os nossos dominios produzem café, algodão, coconote, mendobi e purgueira.

Surgiram, pois, os governadores de ouvido, os chefes de alta envergadura, aqueles para quem as cousas do ultramar se resolviam como todo o resto, no acaso, na aventura, confiados nem eles sabiam em quê.

Quiseram fazer a republica; meteram-se num paquete, desembarcaram em Shutampton, pelo caminho de ferro dirigiram-se a Londres, sob a fuligem a que lá chamam o seu nevoeiro britanico, porco e classico, procuraram um agente de varios negocios internacionais chamado Oscar de Araujo e cujos papeis possúo—, bichanaram, fizeram promessas e foram recebidos no *Foreign Office* por um sub secretario que lhes deu licença para se fazer a revolução. Radiantes, contando com a Inglaterra, vieram dellagrar os seus tiros numa manhã, contra um trono desamparado pelos monarchicos e sobre o qual oscilava um rei de desoito anos como uma figurita de alcorce sobre uma cathedral de doce.

Não foi grande a proesa; facil se tornou a tarefa e, então, esses seres singulares, apossados do mando, julgaram ser tudo facilimo, entenderam que a governação dependia tambem da licença dos britanicos, aos quais, —num instante de justa colera nacional— se arremessara um hino logo adoptado pelos corações, e pela dôr consagrado: a *Portuguêsa*, fado da nossa desgraça, musicado por um alemão contra a Inglaterra.

Como se sabe esta aliada singular do nosso país só tem recebido vantagens do tratado feito quando Portugal era um povo forte e os rui-vos piratas do duque de Lancastre, um bando de aventureiros que vinham á peninsula talhar fortunas e regalar-se arrancando as linguas ás vacas vivas para as assarem com cebolinhas nuns gravetos dos acampamentos.

Foi sempre assim a aliança, anfibia como a propria essencia da nação que o mau destino colocou á nossa beira, primeiro como uma affilhada, depois como uma tutora. O que é nosso, passa a pertencer-lhe com uma enorme facilidade. Desejam por baixos preços os vinhos loiros do Porto para se desculparem da embriaguez de *gin*, vá de queimar as fabricas de algodões, de tecidos, as fiação nacionais afim de nos impingirem os seus cheviotes; quando nos indispozemos com a França, por sua causa, aí vieram, como Napoleão disse, «formar uma escola para os seus soldados» e, de seguida, nós fomos deles, a sua feitoria, a sua terra de prazer, a vila para o descanso, onde um marechal, rubro e devasso, dominava como um feitor. Fomentaram contra nós a colera brasileira; tornaram-se os *apoderados* destes subservientes e, quando não se lhes obedecia, lançavam-nos ao rosto lategadas ou erguiam patibulos para os rebeldes nas manhãs de terror. Veio a republica e ajoelhou fraca, humilde, mais rastejante, engulindo a *Portuguesa*, hino que ela adotou.

jamais tocado a bordo dum vaso de guerra inglês pois lhes rememora a questão do *ultimatum*, de *Delagôa-bay*.

Ora esta *Delagôa-bay* é Lourenço Marques, traduzido pelos nossos aliados, assim estampado nos seus mapas, tornado sua pertença, *Delagôa bay*!

Efectivamente os coloniais devem perguntar se essa terra dos portugueses é *Delagôa-bay* ou *Delagôa vai-se*? Em Portugal não se fazem interrogações desse genero porque, como já disse:

Longe da vista, longe do coração.

Tornava-se necessario defender a colonia dum ataque alemão, mas o senhor Afonso Costa e o senhor João Chagas acharam preferivel mandar os soldados portugueses cavar as trincheiras para os britannicos, em França, e eles partiram deixando Moçambique ao abandono. A defesa foi feita pelos *boers* que — toda a gente o sabe — teem pretensões largas sobre o porto magnifico. O general Botha foi aclamado em effigie nos *ecrans* e titulado de *libertador*, mesmo porque outro não surgiu. Depois a politica transwaliana intensificou-se em varias pretensões.

De que dispunha Portugal para defender a sua colonia? Ora essa! Dum politico, dum colonial do Alentejo, dum chefe republicano que sempre imaginara a Africa um territorio muito quente e onde havia febres e mosquitos como na sua provincia e no seu logarejo de Aljustrel ha sezões e varejeiras. Governar aquilo, mesmo com visinhos gananciosos e esportos a visionar o futuro, era uma questão de acaso. E então, o senhor Brito Camacho, escreveu dois artigos na *Lucta* ácerca «do nosso patrimonio colonial», e, convidando meia duzia de ignorantes das cousas ultramarinas para o sequitarem, comprou um fato kaki, alugou um capacete de cortiça, embrulhou um par de meias num lenço e um pár de ceroulas num jornal e foi-se a reformar e a governar a Africa do Oriente como se deliberasse ir beber um café à «Brazileira.»

Partiu: os politicos radiaram porque ficavam livres dele, da sua critica, da sua *blague* e, acima de tudo, como

Longe da vista, longe do coração

do seu partido que se esfacelaria, imitando-o na obra colonial.

Mas que importava ao partido democratico mais uns palmos de terra, desde que tivesse probabilidades de meter na Camara uma leva maior de deputados e de se tornar a maxima fôrça da república?

Inutilisavam — eles bem o sabiam — o unionismo e o chefe que vol-

taria desprestigiado com as meias já rôtas, o kaki desbotado e alguns galos na reputação apedrejada pelas victimas da sua inepecia.

Entretanto, o transwaliano espreita; não desarma, aguarda o seu momento e como Lourenço Marques é muito distante do Terreiro do Paço e ha que decidir uns roubos de eleições, um despacho de afilhados ou mais um emprestimo sobre a honra do país, por exemplo, envia-se para a colonia outro salvador da mesma fôrça ou então entrega-se ao destino.

Se não é assim que se pensa, torna-se curioso averiguar, em que confiam os governantes para que Moçambique não deixe de ser, como chavonicamente se decretou: «um dos grandes florões da corôa da epopeia nacional»?

Talvez, ingenuamente, conte com a aliada, com a Inglaterra, com a madrinha de *Delagôa bay*? O que ela pensa, sei-o eu dolorosamente — não como um patriota capaz de vestir o Camões de viuva, mas como um português feito para agir — o que ela sente, sei-o eu: é a pena do Transwaal cobiçar tambem aquillo, que já crismara e tanto apeteçia. Mais nada.

De resto, os nossos soldados do *front*, esses que de lá voltaram, já conheciam o futuro das colonias. Varias vezes o ouviram profetisar, quando, cansados, cheios de lama e saudades do seu Portugal, os ingleses, altos, esguios, com as fardas justas e os olhos ironicos lhes diziam atrapalhadamente:

— Oh! você... Já ter comido suas colonias em *corne-beef*!

O governo desejava conserval-as pelo processo melhor de as perder: não as defendendo. Eles tomavam-nas, no seu sentir, pelo menos, dando aos portuguezes urco de conserva.

E aqui está a rapida e verdadeira historia contemporanea do que se perde, do que se vai.

O ultimo capitulo está para breve. Não ouvem ao longe um ruido de armas? Ela guarda republicana a afiar os sabres para abifar quem quiser repetir os velhos tempos da *Portuguesa* patriótica.

